

Ata da sétima reunião ordinária de 2023, do Comitê de Investimentos

Aos dezenove dias do mês de julho de dois mil e vinte e três, às 15:00 horas, foi realizada reunião de forma não presencial, por meio de videoconferência através da Plataforma Meet, com os membros do Comitê de Investimentos, Eleani Maria de Andrade Jaskiw, Jean Carlos da Silva, Isabel Cristina Martineli e Lucimara Maria de Lima da Silva e Rivelino Skura. A Diretora Presidente e membro do Comitê, deu início a reunião agradecendo a presença de todos os membros. Passou a a apresentação dos relatórios do mês de junho/2023 neste mês so investimentos obtiveram um rendimento positivo de R\$ 759.472,64, que representa um percentual de 2,44% no mês referente a meta atuarial estabelecida em 0,32%, no retorno acumulado do ano os rendimentos estão em R\$ 2.303.245,21. A diretora presidente começou a explanar sobre recurso para investimentos dentro do mês sendo eles: R\$ 7.000,00 referente a conta Taxa de Administração; R\$ 30.000,00 referente a conta Compensação Previdenciária; R\$ 113.000,00 referente conta livre, onde tivemos indicação da Credito e Mercado para aplicação em IMA-B é está mais indicado pro mercado no momento, após explanado aos membros sobre os fundos IMA-B e diante do cenário econômico no momento os membros do comitê acharam por bem tomar a decisão em conjunto com a diretoria visto que no momento todos os fundos estão em baixa. Passando resumo mercado financeiro, o início do mês de junho trouxe uma surpresa positiva. O IPCA, a inflação oficial, veio melhor do que o esperado pelo mercado: teve alta de 0,23% em maio, ante 0,61% de abril e uma expectativa de 0,33%. Após iniciar o ano com uma alta acumulada em doze meses de 5,8%, a inflação intensificou sua trajetória de desaceleração. Com o número de maio a inflação corrente acumula agora uma alta de 3,94% em 12 meses. Em junho, a expectativa é de que esta taxa recue ainda mais, já que, o IPCA-15 mostrou alta de apenas 0,04%. Embora parte desta desaceleração ainda esteja ligada à forte queda dos preços administrados (combustíveis), ocorrida entre julho e setembro do ano passado, o melhor desempenho dos preços livres, em especial dos alimentos e dos bens industriais, tem sido o foco de decompressão da inflação nos últimos meses. O mercado continua esperando bons números para o 2º semestre, porém, os núcleos de inflação, que sinalizam as tendências de médio e longo prazo, ainda são altos, ficando próximos de 6% ao ano. Isso deixa o Banco Central numa situação difícil porque ele trabalha com a meta cheia de IPCA, mas analisa os dados e percebe que ainda há uma inflação de fundo captada pelos núcleos que provavelmente não permitirá uma queda mais rápida da taxa Selic. O início do mês foi marcado também pelo anúncio do pacote de desconto para carros baratos do governo. O subsídio reduziu de R\$ 2 mil a R\$ 8 mil no preço final de carros populares. No total, o governo reservou R\$ 1,5 bilhão para o programa. Apesar de inicialmente bem visto, a notícia de extensão do pacote no final do mês provocou ruídos fiscais, já que, o mercado espera que o governo cumpra com as regras do arcabouço fiscal que exigirão dureza nos gastos e aumento de receitas. A atividade econômica vem mostrando bom crescimento apesar do alto nível de juros reais. Neste primeiro trimestre crescemos 1,9%, superando as expectativas de mercado. O resultado repercute sobretudo o desempenho do setor agropecuário. A evolução da demanda doméstica, mais sensível aos ciclos econômico e de juros, reforça para o futuro imediato o arrefecimento da atividade econômica. Seguindo o consenso do mercado, no dia 21 de junho, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (COPOM) manteve a Selic em 13,75% ao ano retirando do comunicado o trecho em que dizia que não hesitaria em retomar a alta de juros. No entanto, ao contrário do que esperava boa parte dos investidores, não apontou no documento quando os juros iriam, de fato, começar a cair. A boa notícia veio na divulgação da Ata da reunião uma semana depois. Nela o COPOM foi bastante explícito deixando uma janela ampla para o início do ciclo de cortes da Selic já em agosto próximo. A visão otimista foi reforçada no final do mês com a definição pelo CMN (Conselho Monetário Nacional) da manutenção da meta de inflação de 3% para os anos 2024, 2025 e 2026. A grande novidade foi que a partir de 2025 a meta será contínua, ou seja, não será mais fechada para cada ano calendário. Revigorando a convicção do mercado de que um corte

Paula

na taxa Selic acontecerá em agosto próximo, a divulgação do IPCA-15 de junho, considerado uma prévia da inflação, que mostrou desaceleração da taxa para 0,04%, frente ao avanço de 0,51% de maio, sinaliza um Banco Central pronto para iniciar os cortes. O mais provável é uma redução da taxa Selic em 0,25% em agosto, seguida de cortes sequenciais de 0,50%, o que nos faria encerrar o ano de 2023 com juros básicos entre 12,25% e 12,00%. Como o mercado de juros futuros já vem antecipando o início do ciclo de queda da Selic há bastante tempo, embutindo uma queda total de cerca de 4,5% na Selic até o final de 2024, vem reagindo menos ao noticiário positivo e mais ao negativo. Os prêmios estão já bastante reduzidos, ou seja, o mercado nunca esteve tão à frente numa antecipação de ciclo. Já o mercado acionário sente com força a positividade do cenário à frente. Em junho a alta do Ibovespa foi de 9,0%, o melhor resultado mensal desde dezembro de 2020. Nada mais havendo a ser tratado, e ninguém mais querendo fazer uso da palavra, a Diretoria agradece a todos pela participação, deu por encerrada esta reunião, da qual foi extraída a presente Ata, que após lida e achada conforme, segue assinada por todos os presentes.

✓ Jean Carlos de Silva Eucari Reis de Moraes Joskin
Isabel C. Martinieli, Duemara Maria de Lima de
Silva

